

# MACHADO DE ASSIS, JORNALISTA: O HOMEM, O TEXTO, O TEMPO

Lúcia Granja\*

## Resumo

Este artigo analisa algumas das crônicas que Machado de Assis escreveu, em 1878, para *O Cruzeiro*, e mostra como, por detrás da liberdade de composição literária desses textos, encontramos a visão de mundo de um cronista profundamente crítico. Sem desrespeitar o estatuto ficcional que ocupa o narrador-cronista, procuramos enxergar, tão cuidadosamente quanto requer a sutileza do assunto, o homem por detrás do cronista, na experiência jornalística de 1878.

## Palavras-chave

Crônica; Jornalismo, Leitor; Literatura, Machado de Assis.

## Abstract

This article analyses some of Machado de Assis' newspaper chronicles written in 1878 for *O Cruzeiro*. We intend to show that behind their extremely free literary composition, those texts show the author's deepest critical point of views. Respecting the narrator fictional status, we are trying to see, as carefully as this subject demands on us, the man behind the journalist.

## Keywords

Journalism; Literature; Machado de Assis; Newspaper Chronicles; Reader.

---

\* Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP - 15054-000 - São José do Rio Preto - SP. E-mail: lgranja@ibilce.unesp.br; lgranja@uol.com.br

Escrevendo semanalmente para os jornais, Machado de Assis estreitou o foco da observação e análise crítica de seu tempo, conforme lhe exigia a natureza das crônicas da semana que ele publicou nos periódicos cariocas, com breves períodos de interrupção, entre o início da década de 1860 e meados da década de 1890. Como vemos, nos períodos que corresponderam à estabilidade do Império brasileiro, ao seu declínio e à sua queda, o cronista acompanhou muito de perto a vida social, política e cultural dessas quase quatro décadas de singulares transformações. O homem, o jornalista, o escritor ficcionista mesclam-se na execução desses registros jornalísticos. Este trabalho procura enxergar, ainda que brevemente, e tanto quanto seja possível, o homem por detrás do cronista, na experiência jornalística de 1878.

No final de sua carreira como jornalista, na década de 1890, o experientíssimo cronista Machado de Assis mostrava-se discreto na exposição de suas ideias e análises dos fatos da semana. "A situação política sob a qual Machado escrevia era, de fato, tensa e piorou ao longo do período relativo a estas crônicas", diz-nos John Gledson ao referir-se às crônicas de "A Semana"<sup>1</sup>. O cronista já não fazia rirem seus leitores ao abusar da maledicência possível à encenação da comédia do cotidiano<sup>2</sup>. Menos "brincão e galhofeiro"<sup>3</sup>, suas análises traziam, nesse tempo, como nos últimos dois romances, um certo ar de desencantamento. Quem sabe sentisse que seu tempo de cronista se ia esgotando, juntamente com as grandes mudanças da vida pública.

Sem desrespeitar o estatuto ficcional que ocupa o narrador-cronista, pelo contrário, enxergando-lhe os recursos e construções, gostaríamos de nos arriscar um pouco mais, por detrás do texto, a captar algo sobre o escritor e intelectual: equivale a ler o que o texto, em sua dimensão jornalística, por exemplo, pode nos mostrar sobre as ideias do homem que o redigiu afinal. A diferença é sutil, mas significa, na abordagem jornalística da crônica, que o cronista dialoga com um conjunto de ideias que enformam o pensamento de uma época e, nesse exercício, vai deixando registradas marcas ideológicas daquele que assumiu a máscara de narrador/comentador da semana. Assim sendo, esta análise não extrai conclusões apressadas a respeito de fatos biográficos, a partir da leitura das crônicas. Como sabemos, a crítica não pode, pelo desejo de conhecer o homem, ou de interpretar os fatos históricos de um período, apagar o estatuto de construção ficcional dos textos, o qual, no caso da crônica, é fronteiro, miscelânea de história miúda, jornalismo e literatura. Uma vez conscientes disso, para não incorrer em conclusões apressadas, toda cautela é necessária. Assim, este texto antes propõe do que explica, antes pergunta do que conclui, tentando elencar passos de uma reflexão que continuamos a construir a respeito da série de crônicas de *O Cruzeiro*, localizadas, significativamente, nos meses que antecedem à doença, crise, ou qualquer sorte de problemas que Machado de Assis tenha atravessado no final da década de 1870.

As crônicas de 1878 são diferentes de outras séries escritas por Machado, como as mais famosas "Bons Dias" e "A Semana", porque não tratam prioritariamente da política. Mais livres ao eleger seus comentários, ali aparecem setores e ideias várias daquela sociedade. Ao contrário também de "A Semana", não podemos falar em discrição do cronista, já que seus comentários assumem, várias vezes, um tom de desagrado ou irritação, paralelo, é claro, à característica ironia. Encontramos nas "Notas semanais" de *O Cruzeiro* um narrador combativo em seu diálogo dominical com os leitores, o que gera, sem dúvida, momentos de agressividade em relação ao leitor, em uma atitude

---

1 John Gledson (1996, p. 14 - 15) argumenta sobre a maior discrição de Machado nesta série em sua "Introdução" à edição das crônicas de *A Semana*. A citação encontra-se na página 14.

2 Cf. GRANJA, L. *Machado de Assis, escritor em formação*. A roda dos jornais (2000). Neste livro, um dos argumentos para análise das crônicas de Machado de Assis é o de que o narrador, a fim de aumentar o efeito e alcance de sua ironia, transforma o presente em comédia. Traz à cena comédias da tradição literária, as quais cita para parodiar as atitudes das personagens que desfilam na crônica, ou transforma em pequena cena, no contexto da crônica, a interação entre os políticos e personagens dela em geral.

3 Observe-se: "Intercalei nesta crônica de hoje algumas boas amostras do documento que trato, impresso com outros submetido ao presidente; e para em tudo conservar o estilo figurado das primeiras linhas, e porque o folhetim requer um tom brincão e galhofeiro, ainda tratando de coisas sérias, darei a cada uma dessas amostras o nome de um prato fino especial - Um extra - como dizem as listas dos restaurantes". Cf. MACHADO DE ASSIS. *Notas semanais*. **O Cruzeiro**, 7 de julho de 1878.

nada estranha a Machado cronista, crítico e dramaturgo da juventude. “Removidos os obstáculos que impedem a criação do teatro nacional, as vocações dramáticas devem estudar a escola moderna. Se uma parte do povo ainda está aferrada às idéias antigas, cumpre ao talento educá-la”, diz-nos o crítico vibrante de 1858<sup>4</sup>, que acredita na educação estética das plateias, como vemos também em um texto seu de 1859, onde está ainda mais explícita a relação entre o fazer artístico e o gosto do público:

A iniciativa em arte dramática não se limita ao estreito círculo do tablado – vai além da rampa, vai ao povo. As platéias estão aqui perfeitamente educadas? A resposta é negativa. Uma platéia avançada, com um talento balbuciante e errado, é um anacronismo, uma impossibilidade<sup>5</sup> (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 789 – 796).

Também no famoso ensaio “Instinto de Nacionalidade”, já da década de 1870, defende a mesma ideia, agora em relação a uma das funções da crítica, e não mais do texto literário:

Estes e outros pontos cumpria à crítica estabelecê-los, se tivéssemos uma crítica doutrinária, ampla, elevada, [...] Não a temos. Há e tem havido escritos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influência quotidiana e profunda que deveriam exercer. A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina ou de história se investiguem, que as belezas se estudem [...] que o gosto se apure e se eduque<sup>6</sup> (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 801 – 809).

Assim sendo, se Machado, ao longo de tantos anos, acreditou na Literatura e na crítica literária com função pedagógica e moralizadora, é natural que seu jornalismo apareça como espaço privilegiado para tal objetivo de escrita. Ainda na década de 1850, já havia escrito a respeito do jornal como meio de uma revolução social, no artigo “O jornal e o livro”,<sup>7</sup> que o jovem escritor dedicou a Manuel Antonio de Almeida. A crônica seria então uma espécie de palco da semana recentemente finda, no que houvera nela de mais extraordinário, como a realização do congresso agrícola em julho de 1878, e nas mínimas questões e acontecimentos, uma corrida de cavalos, por exemplo. Homem de seu tempo, o escritor-jornalista escolhia as notícias livremente no dia-a-dia dos jornais, as quais, acrescidas na crônica de seu comentário vivaz, comporiam o espetáculo das palavras surgidas no rodapé do jornal de cada domingo. Sob o pseudônimo “Eleazar”, de junho a setembro de 1878, Machado assinou esses textos dominicais e esteve vigorosamente envolvido com as questões que mobilizavam a sua pena. Operando em via de mão dupla, seu texto procurava instruir aqueles que desconheciam e, em adição aos textos críticos e literários, destruir os mal-intencionados.

Nesse sentido, voltando nossas atenções para o leitor do folhetim-variedades, observamos existir ali um narrador investido do poder de cobrá-lo e exigi-lo. O texto, saído em 16 de junho de 1878, que versava sobre as comemorações dos dias santos durante aquele mês, é um bom exemplo disso. Pedindo desculpas antecipadas pela longa citação, vamos a ele:

Venhamos à boa prosa, que é o meu domínio. Vimos o lado poético dos foguetes; vejamos o lado legal.

[...]

Duas coisas [...] perduram no meio da instabilidade universal: 1.º - a constância da polícia, que todos os anos declara editalmente ser proibido queimar fogos, por ocasião das festas de S. João e seus comensais; 2.º - a disposição do povo em desobedecer às ordens da polícia. A proibição não é simples vontade do chefe; é uma postura municipal

---

4 Em “O Passado, Presente e o Futuro da Literatura”, publicado em **A Marmota**, nos dias 9 e 23 de abril de 1858. Cf. MACHADO DE ASSIS. *Obra completa*, 1986, vol. 3, p. 785 - 789.

5 Cf. “Idéias sobre o teatro”, publicado em **O Espelho**, nos dias 25 de setembro, 2 de outubro e 25 de dezembro de 1859. In: MACHADO DE ASSIS. *Obra completa*, 1986, v. 3, p. 789 - 796.

6 Cf. “Notícia da atual Literatura Brasileira. Instinto de Nacionalidade”, publicado em *Novo Mundo*, em 24 de março de 1873. In: MACHADO DE ASSIS. *Obra completa*, 1986, v. 3, p. 801 - 809.

7 Cf. “O jornal e o livro”, publicado no **Correio Mercantil**, nos dias 10 e 12 de janeiro de 1859. In: MACHADO DE ASSIS. *Obra completa*, 1986, v. 3, p. 943 - 948.

de 1856. Anualmente aparece o mesmo edital, escrito com os mesmos termos; o chefe rubrica essa chapa inofensiva, que é impressa, lida e desrespeitada. Da tenacidade com que a polícia proíbe, e da teimosia com que o povo infringe a proibição, fica um resíduo comum: o trecho impresso e os fogos queimados.

Se eu tivesse a honra de falar do alto de uma tribuna, não perdia esta ocasião de expor longa e prudhommescamente o princípio da soberania da nação, cujos delegados são os poderes públicos; diria que, se a nação transmitiu o direito de legislar, de judiciar, de administrar, não é muito que reservasse para si o de atacar uma carta de bichas; diria que, sendo a nação a fonte constitucional da vida política, excede o limite máximo do atrevimento empecer-lhe o uso mais inofensivo do mundo, o uso do busca-pé.

Levantando a discussão à altura da grande retórica, diria que o pior busca-pé não é o que verdadeiramente busca o pé, mas o que busca a liberdade, a propriedade, o sossego, todos esses pés morais (se assim me pudesse exprimir), que nem sempre soem caminhar tranquilos na estrada social; diria, enfim, que as girândolas criminosas não são as que ardem em honra de um santo, mas as que se queimam para glorificação dos grandes crimes.

Que tal? Infelizmente não disponho de tribuna, sou apenas um pobre-diabo, condenado ao lado prático das coisas; de mais a mais míope, cabeçudo e prosaico. Daí vem que, enquanto um homem de outro porte vê no busca-pé uma simples beleza constitucional, eu vejo nele um argumento mais em favor da minha tese, a saber, que o leitor nasceu com a bossa da ilegalidade. Note que não me refiro aos sobrinhos do leitor, nem a seus compadres, nem a seus amigos; mas tão-somente ao próprio leitor. Todos os demais cidadãos ficam isentos da mácula, se a há.

Que um urbano, excedendo o limite legal das suas atribuições, se lembre de pôr em contato a sua espada com as costas do leitor é fora de dúvida que o dito leitor bradará contra esse abuso do poder; fará gemer os prelos; mostrará a lei maltratada na sua pessoa. Não menos certo é que, assinado o protesto, irá com a mesma mão acender uma pistola de lágrimas; e se outro urbano vier mostrar-lhe polidamente o edital do chefe, o referido leitor aconselhar-lhe-á que o vá ler à família, que o empregue em cartuchos, que lhe não estafe a paciência. Tal é a nossa concepção da legalidade; um guarda-chuva escasso, que, não dando para cobrir a todas as pessoas, apenas pode cobrir as nossas; noutros termos, um pau de dois bicos.

Agora, o que o leitor não compreende é que esse urbano excessivo no uso das suas atribuições, esse subalterno que transgride as barreiras da lei, é simplesmente um produto do próprio leitor; não compreende que o agregado nada mais representa do que as somas das unidades, com suas tendências, virtudes e lacunas. O leitor (perdoe a sua ausência), é um estimável cavalheiro, patriota, resoluto, manso, mas persuadido de que as coisas públicas andam mal, ao passo que as coisas particulares andam bem; sem advertir que, a ser exata a primeira parte, a segunda forçosamente não o é; e, a sê-lo a segunda, não o é a primeira. Um pouco mais de atenção daria ao leitor um pouco mais de equidade.

Mas é tempo de deixar as cartas de bichas<sup>8</sup> (MACHADO DE ASSIS, 1878).

No final do trecho recortado, que coincide com o final de uma parte da crônica, o narrador anuncia a hora de deixar as cartas de bichas. No entanto, ele não vinha falando de fogos de artifício exatamente. No trecho, observamos como a crônica equipara o leitor e o cidadão, exigindo-lhe que reconheça a soberania da nação, respeite o direito das decisões legais, judiciais etc. Por detrás dessa associação do leitor e do cidadão, está um ideal que Machado nos apresenta desde os textos da juventude, o de que a Arte em geral, dentro dela a Literatura, civiliza e educa. Com um público-leitor reduzido no Rio de Janeiro da época, fica claro que o leitor do jornal está em intersecção com o leitor do edital do chefe de polícia e Machado usa a tribuna do jornal, que o narrador da crônica, retoricamente, diz não existir, para buscar o “pé moral” daqueles que deveriam, por privilégio de entendimento, respeitar a liberdade, a democracia, a propriedade etc. É claro que a discussão, aqui, é mais ampla do que pode parecer a princípio. Não se trata de convencer o leitor a deixar de soltar fogos de artifícios – ou de achar razão ou não na determinação da polícia, mas de respeitar as determinações públicas, sem confundi-las com as decisões privadas, ou, ainda, fazê-lo saber que não é possível que uma dessas instâncias da vida social, a pública e a privada, ande bem se a outra também não andar. Essa educação do leitor pretende se dar, no caso desse texto, por meio do constrangimento causado pelas palavras públicas e privilegiadas do jornalista,

---

<sup>8</sup> Machado de Assis. Notas semanais. **O Cruzeiro**, 16 de junho de 1878. Esclarecemos que todas as crônicas citadas neste artigo foram extraídas do jornal diretamente. No entanto, quando da publicação deste texto, já podem ser lidas com notas e estabelecimento de texto em Machado de Assis, *Notas Semanais*, 2008.

que pretendem mudar a concepção distorcida de legalidade que ele atribui ao leitor, "um guarda-chuva escasso, que, não dando para cobrir todas as pessoas, apenas pode cobrir as nossas".

Na função de jornalista, Machado põe em prática suas ideias como crítico. Por detrás da coerência entre esses dois papéis está o homem. Do alto de um dos espaços possíveis de tribuna naquela sociedade, dos mais privilegiados, Machado fala moral e politicamente ao público e exige daqueles que podem lê-lo as primeiras atitudes para uma necessária mudança. Que ele seja "míope" e "cabecudo", vá lá; mas está longe, é claro, do prosaísmo que se atribui, ou de ser um "pobre-diabo".

Uma outra forma de captar o homem por detrás do escritor é observar como a crônica, por detrás dela o cronista, desenvolvia suas críticas aos assuntos da semana, extrapolando a mensagem das notícias publicadas no mesmo jornal. No caso dos fogos, quanto mais entrava o mês de junho, mais e maiores anúncios de pontos de venda deles enchiam as páginas dos jornais, chegando a ocupar em *O Cruzeiro*, no mesmo dia 16 de junho, meia coluna entre as sete de que se compunham a página do jornal. Como repúdio ao hábito perigoso, no dia 16, além da crônica de Machado, sai, à segunda página, uma pequena matéria sobre o assunto, que reproduzimos, abaixo, praticamente na íntegra:

#### **Festejos de Santo Antônio e São João.**

O hábito de festejar estes dois santos do calendário [...] queimando foguetes e acendendo fogueiras é por tal forma contrário aos bons costumes que em parte vai ele se perdendo entre a população da cidade, reservando-o porém, e com certo entusiasmo, à dos arrabaldes.

Ainda assim, fora mister a bem da própria segurança e da alheia, que de uma vez para sempre se extinguisse.

Não sabemos, podemos mesmo dizer que ninguém sabe, o que quer dizer render louvores a um santo com pólvora, papel e barbante queimados.

Que é prejudicial o uso, ninguém há de contestá-lo.

Ninguém ignora quantos casos fatais se têm dado nesta capital, devido à queima de foguetes.

Chegam ao nosso conhecimentos alguns que, conquanto de pouca monta, bem acentuam a necessidade que há de se acabar com semelhante costume, que é um divertimento antes do que um modo de festejar um santo, que reclama um culto mais simples, menos estrondoso, que não cheire à pólvora e que não seja causa de desgraças, que, por pequenas, nunca deixem de ser lamentáveis"<sup>9</sup> (MACHADO DE ASSIS, 1878, p. 2)

O "tratado" de Machado sobre cidadania tem, sem dúvida, intersecção de sentido com a pequena matéria do jornal: a repreensão aos atos ilícitos em relação aos fogos de artifício. Essa última é, porém, muito menos abrangente em sua crítica ao público. Em primeiro lugar, alivia a participação da "população da cidade" no delito, deixando o entusiasmo à população dos "arrabaldes". Depois, faz ironia sem endereçá-la exatamente: diz que não conhece o significado de homenagear-se os santos com pólvora, papel e barbante queimado, atitude essa que parece, mesmo, bastante prosaica. A frase que se intercala à principal, porém, "podemos mesmo dizer que ninguém sabe", acaba por aliviar a carga da crítica. Ele, redator, não conhece o significado de se utilizarem fogos para homenagear os santos, mas todas as outras pessoas também não sabem. Essa inconsciência coletiva, na qual o redator se coloca lado a lado com o leitor, e com o festejador, configura-os a todos em uma situação mais esclarecida do que a de serem "queimadores de barbante". Já que ninguém conhece a origem ou motivo do ato, presta-se louvor aos santos com os fogos por tradição da cultura popular, o que não é, em si, um mal. A restrição estava em, no momento, tal uso não ser compatível com a vida nas cidades, por causa de incêndios e acidentes. Comparando, então, a crônica e a notícia, vemos que a intolerância do cronista em relação à falta de cidadania, implícita por esse

---

9 Cf. MACHADO DE ASSIS. Noticiário. **O Cruzeiro**, 16 de junho de 1878, p. 2, 1ª coluna. Sidney Chalhoub (2003) argumenta em favor dessa tese em suas análises dos romances machadianos.

tipo de atitude, está alinhada ao pensamento do jornal, mas a exasperação do cronista com o ato de desrespeito legal mostra-se, certamente, muito além do ponto em que parou a do redator do jornal. Nesse cruzamento, podemos, novamente, encontrar as ideias do homem que analisava os fatos e notícias da semana. Reconstruindo-a em seu comentário dominical, temos a oportunidade descobrir a subjetividade do comentarista da semana em pelo menos três lugares: a) a seleção das notícias/acontecimentos demarca a posição política, em sentido amplo, a partir da qual ele informa seu leitor; b) o aprofundamento de seus comentários em relação às notícias que lia nos jornais expõe suas próprias ideias em relação aos fatos; c) a forma como ele ocupa o espaço do rodapé do jornal, lembremo-nos de que o folhetim era preferencialmente um texto leve, mostra a crença que Machado tinha na função, ou missão talvez, de sua escrita.

Assim sendo, pelo final dos anos 1870, encontramos o homem Machado de Assis frente a uma sociedade em formação, aparentemente bastante insatisfeito com as contradições nela vigentes, e fazendo do jornalismo literário a sua forma de ação, a sua tribuna particular. Não admira que, nos anos seguintes, o escritor viesse a procurar um novo espaço para sua ação política: o próprio texto ficcional. Ou, acreditando que ele já o fizesse na prosa dos anos 1870, podemos considerar a existência de um investimento na criação da novidade para o texto ficcional. Se pudermos sugerir uma diferença fundamental entre os tipos de ação empreendidas pelo escritor, poderemos imaginar que ele, além de gritar na tribuna do jornal, de onde tenta educar e civilizar, passa a sussurrar em seus romances e contos, tal qual faz o ponto, no teatro. Diferentemente, no entanto, desse auxiliar de cena que, fora da vista do público, lembra o texto aos atores, o narrador construído por Machado endereça suas mensagens à plateia. Como elas são "comentários em voz baixa", só as escutarão os dotados de uma sensibilidade finíssima. Ou os que se sentarem nas primeiras filas. No caso da nova ficção de Machado, portanto, a escrita não definirá os desvios e sugerirá ações reparadoras para eles, mas passará a encená-los nas ações e diálogos das personagens e a parodiá-los nos desvios do narrador do texto. Na mudança de atitude formal em relação à função missionária da Literatura, está inscrita, pelo menos uma atitude do homem, a qual, cremos, fica bem indicada aqui: teria ele passado a acreditar que a pedagogia pela Arte era "biscoito fino" demais para a plateia em geral? Mais que isso, deveria ela ser adiada para a instrução das gerações futuras de leitores? Nesse caso, estaria ele desacreditando das mudanças produzidas em seu tempo?

A respeitável crítica que se debruçou sobre a ficção de Machado apontou os movimentos amplos da visão crítica do escritor, que escreve na forma literária as contradições sociais (SCHWARZ, 1990, p. 217). O olhar míope que exige o estudo das crônicas, no entanto, textos preocupados com questiúnculas tão cotidianas que o próprio Machado não quis eternizar, pretende mostrar que essa escrita de movimento miúdo, ao rés-do-chão como diria o mestre Antonio Candido (1993), ajuda a recuperar o passo a passo da construção da visão privilegiadamente crítica do escritor. Aí está a principal razão pela qual a crônica, o texto, nos mostra, também, o homem dentro de um tempo: mudando de ideia, buscando novas formas, irritando-se com as teimosias políticas do cotidiano, repetindo preocupações ao longo de anos. Seguramente, as transformações vividas pediram, sempre, ajustes entre o homem, o texto e o tempo.

GRANJA, L. Machado de Assis Journalist: the Man, the Text, the Time. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 2, p. 75 - 81, 2009.

## Referências

ANTONIO CANDIDO. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 23 - 29.

CHALHOUB, S. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GLEDSON, J. Introdução. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. *A Semana – Crônicas 1892-1893*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec; Unicamp, 1996. p. 14 - 15.

GRANJA, L. *Machado de Assis, escritor em formação. À roda dos jornais*. Campinas; São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Notas Semanais*. Organização, introdução e notas de John Gledson e Lúcia Granja. Campinas; São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Semana – Crônicas 1892-1893*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. O Passado, Presente e o Futuro da Literatura. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. 7 ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986, v. 3. p. 785 – 789.

\_\_\_\_\_. Idéias sobre o teatro. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. 7 ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986, v. 3. p. 789 - 796.

\_\_\_\_\_. Notícia da atual Literatura Brasileira. Instinto de Nacionalidade. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986, v. 3. p. 801 - 809.

\_\_\_\_\_. O jornal e o livro. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986, v. 3. p. 943 - 948.

\_\_\_\_\_. Notas semanais. Rio de Janeiro: **O Cruzeiro**, 16 de junho de 1878.

\_\_\_\_\_. Noticiário. Rio de Janeiro: **O Cruzeiro**, 16 de junho de 1878, p. 2.

\_\_\_\_\_. Obras completas, 31 vols. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1938.

\_\_\_\_\_. O Cruzeiro. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc, 1950, vol. 23.

\_\_\_\_\_. *Obra completa*. 7 ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986 – 3 vols.

SCHWARZ, R. *Um mestre na periferia do capitalismo - Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

## Jornais

**Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, janeiro a junho de 1878.

**Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, março de 1878.

**Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro, janeiro a junho de 1878.

**O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, janeiro a setembro de 1878.